Revista Portuguesa de Investigação Educacional, n.º 18, 2018, pp. 07-08

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Joaquim Azevedo[1]

Um pouco por todo o mundo, desde há muitas décadas, existem movimentos tendentes a reformar a educação escolar, tornando-a mais capaz de cumprir cabalmente a sua missão. Hoje vivemos tempos de aceleradas mudanças e de muita incerteza, repletos de transformações socioeconómicas bastante acentuadas.

No início do século XXI, estas mudanças educacionais tendem a seguir cinco grandes eixos: a inovação na gestão do currículo, com uma ênfase particular no desenvolvimento de competências essenciais, como sentido crítico, comunicação, criatividade, cooperação e competências "digitais", bem como nas abordagens interdisciplinares; a inovação nos processos educativos, procurando personalizar os percursos escolares e garantir a qualidade e a equidade; a inovação sustentada em novas tecnologias e métodos interativos, com vários suportes tecnológicos; a inovação na organização da escola, desde a flexibilização de grupos de alunos, de equipas docentes e de disciplinas até à renovação de espaços e equipamentos; a renovação dos modelos de liderança, tendo em vista desencadear processos participativos, sustentados, inscritos em comunidades de aprendizagem profissional, onde a motivação e a avaliação sigam a par com uma efetiva melhoria da educação e das aprendizagens dos alunos.

Ao mesmo tempo, crescem os mecanismos de controlo externo sobre os resultados escolares, o que introduz uma nova realidade social e política que carece de muita ponderação em torno da (redefinição da) missão da educação.

[1] Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) – Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia, Porto, Portugal. jazevedo@porto.ucp.pt.

Este número da *Revista Portuguesa de Investigação Educacional* convida-nos a seguir o rasto de muitas dinâmicas educacionais renovadoras em diferentes lugares do mundo (Portugal, Brasil e França).

Percorrem-se temáticas muito diversas: desde as novas dinâmicas de colaboração entre docentes na gestão pedagógica e curricular em turmas contíguas, com um número significativo de professores comuns, em Portugal, até à revisão do ensino médio integrado na perspetiva da pedagogia histórico-crítica, no Brasil; desde o papel da escola no controlo da violência no namoro até à forma como se tem estudado, no espaço de uma década (2006-2016), a partir das escolas, a indisciplina, a transgressão e a violência em meio escolar; desde as novas dinâmicas do trabalho de projeto e de realização de provas de aptidão profissional, no ensino da música, até às visões dos professores acerca da diferenciação pedagógica e curricular em curso; desde os novos desafios do ensino da educação física escolar, a partir da França, até à análise dos efeitos de dois programas inovadores: um, de modernização das escolas secundárias em Portugal, a Parque Escolar, na perspetiva de que o espaço também é educador; e outro, de formação de professores, a Bolsa de Iniciação à Docência, no Brasil.

Motivos de interesse e de convite à reflexão não nos faltam. O passo mais difícil foi e será, uma vez desencadeadas as pesquisas e apresentados os seus resultados, incorporar os seus ensinamentos nas práticas profissionais e nos moldes institucionais das escolas. O que só é mesmo viável em contextos em que se valorizem as comunidades de profissionais, que aprendem em conjunto a melhorar a educação, e onde se atue e inove com coerência (com foco, com responsabilidade, com dinâmicas colaborativas de equipas docentes unidas e convergentes e com aprendizagens significativas) e de forma sustentada.